



«O tempo como matéria e lugar»

Rui Horta Pereira. Rui Soares Costa.

14 a 18 de Outubro de 2020

Galeria das Salgadeiras

DRAWING ROOM LISBOA. Stand 13.

À pergunta “queres que te faça um desenho?” está, de uma forma geral, subjacente a intenção de explicar um conceito ou circunstância que, à partida, se manifesta complexo, fazendo parte dessa “simplificação” a sua representação em linhas e pontos sobre uma superfície. Um desenho, portanto, na sua mais elementar forma de expressão. Em conjunto, numa multiplicidade de combinações e acepções, linhas e pontos desenvolvem-se num jogo de forças, criando formas, movimento, tensão, direcção. É a partir desse léxico que o mundo se vai organizando sobre uma superfície com alguma ordem, significado, beleza talvez. No seu “Senhor Valéry”, diz Gonçalo M. Tavares:

“Se a vertical se une à horizontal existe sempre um ponto que é capturado.

E depois desenhou.

— Esse ponto — murmurou o senhor Valéry, [...] — esse ponto fui eu.

— O Destino — disse, por fim, o senhor Valéry — isso é que desconheço o que seja.”

Há qualquer coisa de abstracto no pensamento, e o Desenho, nessa sua condição endógena, surge como uma ferramenta intelectual e de exercício mental. É nessa acção de questionar, de reflectir sobre o entorno, configurando-lhe uma possível imagem, que o Desenho se encontra com a Filosofia. E é nesse diálogo que Rui Horta Pereira e Rui Soares Costas desenvolvem a sua prática artística, como bem se pode inferir das suas respostas à questão de como entendem o Desenho:

“Um mediador privilegiado para entender o universo” — Rui Horta Pereira

“Desenho é processo, um instrumento do pensamento” — Rui Soares Costa

No entanto, a proposta curatorial apresentada traz-nos outras considerações comuns ao processo artístico de ambos os artistas e que tem a ver com as formalidades do Desenho enquanto território expandido, para além dos seus cânones formais, recorrendo a processos e utensílios menos convencionais nesta disciplina.

Formado em Escultura, Rui Horta Pereira interessou-se desde muito cedo pelo Desenho, não só pelas reflexões teóricas que sugere, como no uso de materiais e processos, eles próprios o reflexo de uma posição ética e social quanto às questões da sustentabilidade. Nesse sentido, e sobretudo desde 2012, tem vindo a desenvolver

diversos projectos numa clara e assumida apropriação de recursos sejam naturais, como sol ou água da chuva, ou outros como placas de madeira de uma sua escultura ou sobras de papel de outros desenhos seus, ou ainda garrafas de plástico que se transformam em esculturas. “Livro Sombra” e “Sol Fino” resultam de um processo semelhante à Heliografia, através do qual a luz solar incide lenta e prolongadamente sobre uma sobreposição de cartolinas, criando linhas e formas, luz e sombra. Afinal, como refere Juan José Gómez Molina, em “Las lecciones del dibujo”: “la esencia del dibujo será la fabricación del objecto mediante su negación, mediante la sombra, la ocultación de la luz en el trazo”. Desenhos estes que, na pureza da linhas e nas suas composições monocromáticas, nos revelam uma poesia que traz ou tenta trazer uma certa ordem ao caos.

Rui Soares Costa tem vindo a explorar múltiplos suportes e utensílios na sua prática do Desenho, cruzando esta expressão com o objectual, a filosofia, o pensamento numa equação de parâmetros controlados, em torno do tempo como assunto. O tempo que regista na folha de papel ou na placa de madeira, como se de um sismógrafo humano se tratasse, cada linha um momento que se condensa e concentra numa porção de matéria. Desenhos feitos com o fogo, que, num aparente paradoxo, registam fugazmente o tempo, aquele, como diz Rui Soares Costa, “é a única coisa que não poderemos adicionar à existência.” No entanto, “Black Mirror Series” coloca-nos perante outras perplexidades: num primeiro olhar não vemos nada, voltamos a olhar, temos que nos aproximar, e mais ainda, mudamos de posição num jogo performativo que Rui Soares Costa nos propoe. Surge a tal tensão que Kandinsky refere como sendo a “força viva do movimento”. Quando estamos quase a imergir na peça, e o nosso reflexo neste espelho negro se desvanece, libertamo-nos dos factores externos, eis que a linha, a forma, a sombra, a translucidez começam a revelar-se e o desenho surge, límpido, puro. Não, não é óbvio, nem imediato, antes é sedutor, prolonga-se no tempo. Sussurra um verso de José Tolentino de Mendonça: “Atei os sentidos à escuridão / parado diante da tua porta / já não pergunto.”

Fez-se o desenho. Bastou dar lugar ao tempo.

Ana Matos

Lisboa, Outubro 2020

RUI HORTA PEREIRA

Évora, 1975

Formado em Escultura pela FBAUL, desde 2000 que o seu trabalho se centra sobretudo na escultura e no desenho, de como a construção do processo criativo não está desassociada da acção do criador, em todos os seus aspectos éticos, sociais, ambientais, e como essa relação se poderá concretizar de forma eficaz.

Tem vindo a explorar e expandir o território do desenho, ao qual tem dedicado uma parte substancial da sua investigação artística e criativa, tanto na sua componente formal como nas reflexões teóricas que sugere.

Expõe com regularidade desde 2010.

Está representado nas colecções: Colecção Tiqui Atencio, Colecção Carlos Caricoa (Espanha), Colecção Arte Contemporânea Tróia Design Hotel, Colecção Regina Pinho (Brasil), Colección Art Fairs SL (Espanha), Colecção da Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian, Colecção Fundação Carmona e Costa, Colecção Figueiredo Ribeiro, Colecção Berardo e Fundação PLMJ.

É representado pela Galeria das Salgadeiras.

www.ruihortapereira.com

RUI SOARES COSTA

Tem um percurso académico e profissional na interseção entre arte e ciência. Teve uma educação enquanto artista plástico e cientista. Estudou Pintura no Ar.Co, Lisboa enquanto fez a licenciatura em Psicologia Social. Realizou posteriormente doutoramento e pós-doutoramento entre Portugal e os EUA.

Trabalha desde 2013 em exclusividade como artista plástico. Vive e trabalha em Lisboa.

O trabalho artístico de Rui Soares Costa decorre da sua educação enquanto investigador e da sua área de especialização. Há muito que se interessa por processos cognitivos como a percepção e memória de pessoas, bem como pelas neurociências cognitivas. Rui Soares Costa traz para a sua prática enquanto artista um conjunto de conhecimentos, ferramentas, métodos e mecanismos de várias disciplinas, campos e domínios. Combina-os com influências de literatura, música e cinema contemporâneos.

É representado pela Galeria das Salgadeiras, em Lisboa, e pela Sala 117, no Porto.

www.ruisoarescosta.com